



VANESSA RODRIGUES VALIN

**CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS
COLETIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
“SÉRIES FINAIS”**

JI-PARANÁ

2019

VANESSA RODRIGUES VALIN

**CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS
COLETIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
“SÉRIES FINAIS”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora do
Centro Universitário São Lucas, como
requisito de aprovação para obtenção do
título de Licenciada em Educação Física.
Orientador: Prof. João Batista dos Reis
Viana.

JI-PARANÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Gerada mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

V173c Valin, Vanessa Rodrigues
Caracterização do processo de ensino dos jogos esportivos coletivos nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental “séries finais” / Vanessa Rodrigues Valin. -- Ji-Paraná, RO, 2019.
18 p.
Orientador: Prof. João Batista dos Reis Viana

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) Centro Universitário São Lucas

1. Cooperação. 2. Prática esportiva. 3. Processo de Aprendizagem. I. Viana, João Batista dos Reis. II. Título.
CDU 37.091.33:796

Bibliotecário(a) Alex Almeida CRB 11.853

CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL “SÉRIES FINAIS”¹

Vanessa Rodrigues Valin²

RESUMO: Nas aulas de educação física o ensino dos jogos esportivos coletivos, especialmente no ensino fundamental “séries finais”, aparentemente, ainda possa persistir a prática dos jogos esportivos coletivos do simples deixar jogar, independente, do nível de escolaridade e aptidão dos alunos. Historicamente, o ensino dos JECs era baseado num processo de iniciação dos gestos técnicos específicos de cada modalidade esportiva e algumas regras básicas, sendo que, muitas vezes esta forma ensino persiste até a série final do ensino fundamental, ou seja, os alunos estão frequentemente iniciando o processo de aprendizagem da respectiva modalidade esportiva. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica com a finalidade de fundamentar e discutir sobre o tema, sendo que foram utilizados materiais disponibilizados no Google, Google Acadêmico e Biblioteca Grupo Educacional São Lucas Ji-Paraná, entre outros. Com a análise realizada verificou-se que com a utilização demasiada do jogo formal, professores minimizam a oportunidade de os alunos obterem uma aprendizagem gradual dos movimentos relacionados aos JECs.

Palavras-Chave: JECs, Jogos Coletivos, Atividades Cooperativas.

ABSTRACT: In physical education classes, the teaching of collective sports games, especially in elementary school “final series”, apparently, can still persist in the practice of collective sports games of the simple let independent play of the level of education and aptitude of the students. Historically, the teaching of the JECs was based on a process of initiation of the specific technical gestures of each sport modality and some basic rules, being that often this form of education persists until the final series of elementary education, that is, students are often starting the learning process of the respective sports modality. In order to do so, a bibliographic review was carried out with the purpose of informing and discussing the subject, using materials made available on Google, Google Scholar and Educational Group São Lucas Ji-Paraná, among others. With the analysis carried out it was verified that with too much use of the formal game, teachers minimize the opportunity for the students to obtain a gradual learning of the movements related to the JECs.

Keywords: JECs, Collective Games, Cooperative Activities.

¹ Artigo apresentado no curso de Educação Física do Centro Universitário São Lucas como requisito parcial para conclusão de curso, sob orientação do professor João Batista dos Reis Viana. E-mail: joão.viana2@gmail.com

² Graduanda em Lic. Educação Física do Centro Universitário São Lucas, 2019. E-mail: vanessarodriguesvalin@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O início dos Jogos Desportivos Coletivos vem das antigas tradições das sociedades organizadas. Bayer (1994) descreve que diversos jogos com bola fazem parte da herança cultural destas civilizações, dando origem aos nossos desportos coletivos, onde as primeiras codificações se mostram no século XIX. Na procura por informações, sobre os Jogos Esportivos Coletivos (JECs), faz-se necessário observar como um jogo prazeroso cujo resultado é determinado por habilidades motoras, estratégias, ou chances, são aplicados só ou em combinação.

São vários os fatores que caracterizam o significado do Jogo, permitindo contemplar o Jogo em todos os seus pontos mais amplos. Nesse contexto, Teodorescu (1984) mostra em abordagem ampla e genérica, formato atual para os JECs:

- um instrumento de jogo;
- disputa individual e coletiva;
- regras obrigatórias de jogo;
- presença obrigatória de arbitragem;
- limitação da duração do jogo, em tempo ou em objetivos definidos;
- existência de técnica e tática específicas;
- caráter organizado de competições;
- existência de teorias e práticas gerais e específicas, no que dizem respeito à técnica, tática, treinamento e suas metodologias;

Além disso, são as atividades físicas, mentais, realizadas por meio de um conjunto de regras pré-determinadas ou construídas pelos praticantes que o jogam, podendo conter a forma competitiva com o objetivo de um ganhador ou a cooperativa, os dois promovem a inclusão entre os jogadores (BALBINO, 2001).

Os JECs constituem uma realidade sociocultural, possui um lugar significativo nas sociedades contemporâneas, cuja importância educativa está associada ao desenvolvimento e formação multilateral do ser humano. Reis (1994) apontou-os como assuntos fundamentais nas aulas de Educação Física da maioria das escolas de ensino fundamental e médio, sendo praticados também em clubes e outras instituições, tanto como competição quanto como atividade de recreação.

Nos últimos anos, tem-se percebido um aumento importante nas questões sobre os métodos de ensino dos JECs, com muitos conteúdos em debate, em especial nas abordagens pedagógicas utilizadas com crianças e jovens, o que tem acarretado, em muitos casos, aos professores se sentirem “numa rua sem saída” (BAYER, 1994).

Às diversas práticas esportivas na escola deveriam oportunizar a todos, independentemente das motivações que os movem e de seu grau de desempenho, um espaço de autoaprendizagem, auto realização. (TANI, et al 2002, p 63).

A prática do esporte no âmbito escolar pressupõe-se, de modo geral, objetivos e procedimentos diferenciados dos enfatizados na prática do esporte de alto rendimento. Neste contexto, torna-se evidente a necessidade de adequações nos procedimentos durante a prática esportiva, ou seja, seria adequado simplificar as exigências de realização das ações técnicas-táticas, de regulamento e de espaço, de números de participantes, porém, as modificações implementadas não desconfiguram as características de identidade de cada modalidade esportiva e da sua prática (TORRES e GAYA, 2002).

Os JECs são compostos por diversos – voleibol, futebol de salão, basquete, handebol, entre outros e, de início, têm sido exercitados por crianças e adolescentes sem distinções. Em diversos lugares o esporte tem sido debatido, seja em ambientes formais ou informais (SANTANA, 2001).

A Educação Física remete-se a uma matéria com conteúdo e conhecimentos a serem ensinados aos alunos, desta forma, acarretando uma prática para o desenvolvimento integral desse aluno dentro da modalidade esportiva a ser praticada. Porém, o que vem ocorrendo na maioria das aulas de Educação Física é o simples deixar jogar, sem uma interferência direta do professor (BALBINO, 2001)

De um modo geral, observa-se durante as aulas de Educação Física das séries finais do ensino fundamental, os conteúdos são ministrados praticamente idênticos em todas as séries, não havendo assim, um a um tarefas a cada série, ocorrendo, muitas vezes, uma repetição do que já foi ministrado do início até o final do Ensino Fundamental. Em relação aos JECs, aparentemente, os alunos do ensino fundamental – séries finais encontram-se sempre em um processo de iniciação à

modalidade esportiva proposta, não permitindo relações entre os conteúdos aprendizagens entre as modalidades.

Nesta perspectiva, o objetivo da presente pesquisa foi caracterizar o processo de ensino-aprendizagem dos JECs nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental “séries finais”, e verificar as atividades mais utilizadas nas aulas.

2 MÉTODOS

A construção deste trabalho contou com uma pesquisa de revisão bibliográfica, que na visão de Freire-Maia (1998), *“a ciência que já foi produzida e testada, denominada como ciência-disciplina, está disponível nos livros.”*

Foram pesquisadas e analisadas informações atualizadas obtidas em consultas eletrônicas de artigos científicos, monografias e teses sobre o tema proposto através do Google, Google Acadêmico, além da Biblioteca Grupo Educacional SÃO LUCAS. O universo da pesquisa delimitou-se em artigos, publicados a partir do ano de 1982 até o ano de 2018 e foram pesquisados cerca de 31 artigos, sendo que 26 foram utilizados para elaboração do estudo.

Os termos utilizados para as buscas dos materiais foram jogos coletivos nas aulas de educação física; esportes coletivos, metodologias do ensino do JECs, tendo como critério para utilização dos mesmos que deveriam relatar sobre jogos coletivos Educação Física.

A análise foi de cunho qualitativo, onde foram analisadas as principais ideias dos autores para realização de fichamentos diretos e indiretos para posteriormente ser elaborado o presente estudo. A pesquisa foi realizada em março de 2019 a junho de 2019. Com base nos dados e informações coletadas, o estudo foi sendo organizado e estruturado destacando-se a iniciação de jogos desportivos coletivos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Caracterização dos Jogos Esportivos Coletivos

Para a composição dos conteúdos relacionados à organização estrutural das aulas de Educação Física no Brasil, temos como balizadores formais os parâmetros

curriculares nacionais (PCN's). As discussões sobre formações curriculares sempre foram pautas de debates entre os educadores, tendo em vista que a especificidades do ensino em se tratando de um país continental como o Brasil deveria e foram contempladas pelo próprio PCN (1997) a partir da necessidade de adaptação as diferentes características regionais.

Segundo os dados PCN's (2001) o conhecimento e a vivencia sistematizada da cultura do movimento humano devem ser balizados por uma postura reflexiva, no sentido da aquisição da autonomia necessária a uma prática intencional, que considere o lúdico e os processos sócio comunicativos como perspectiva da ampliação da formação cultural e da adoção de um estilo de vida ativa e saudável.

Neste sentido, (Graça, 2006) criticou asperamente os efeitos colaterais do currículo de múltiplas atividades, que se manifestam na apropriação do jogo em geral, e dos rapazes de baixo nível de habilidade. Estes efeitos colaterais são, segundo a autora, resultado inevitável das características estruturais do modelo curricular:

1. Pequenas unidades temáticas com períodos de instrução mínimos sequências pedagógicas fracas ou inexistentes entre aulas, unidades, e anos de escolaridade, que limitam a aprendizagem.
2. Pouca ou nenhuma exigência para aplicar taticamente as habilidades durante o jogo.
3. Pouca ou nenhuma instrução ou supervisão ativa do jogo
4. Poucas ou nenhuma medida para equilibrar as oportunidades de jogo para os alunos de nível baixo.
5. Exposição pública obrigatória da capacidade de jogo.
6. Controle da aula exercido por figura (s) de autoridade central, minimizando as oportunidades de autonomia, iniciativa pessoal e liderança em turmas enormes.

A insatisfação com este tipo de abordagem tem motivado a procura de abordagens alternativas, como por exemplo, Bunker e Thorpe (1982; 1986) propuseram o modelo de ensino dos jogos para a compreensão, ou seja, uma

abordagem que enfatizasse as capacidades táticas no jogo, assim, promovendo o envolvimento dos praticantes enquanto são ajudadas e encorajadas a tomar decisões corretas baseadas na consciência tática desenvolvida. O desenvolvimento dessa consciência tática permite ao jogador ser capaz de interpretar os princípios gerais e específicos do jogo de forma a tomar as decisões adequadas sobre “o que fazer?” e “como fazer?” no desenrolar do jogo.

Outro exemplo destas abordagens alternativas é o modelo de educação desportiva, criado por Siedentop, segundo Graça (2006) é uma forma de educação lúdica (play) e estrutura-se a partir da crítica às abordagens descontextualizadas ao ensino dos jogos, procurando estabelecer um ambiente propiciador de uma experiência desportiva autêntica. O modelo de educação desportiva, segundo o autor, nasceu e desenvolveu-se precisamente na procura dessa contextualização desportiva, o que pressupõe resolver alguns equívocos e mal-entendidos na relação da escola com o desporto e a competição.

Para Garganta (1998), a cooperação e a inteligência são características essenciais para os JDCs. A cooperação, representada pela colaboração dos jogadores de uma mesma equipe em busca do mesmo objetivo. E a inteligência, representando, a capacidade de elaborar e operar respostas aos diversos tipos de situações que ocorrem dentro de uma partida.

Além disso, Garganta (1996) afirma que assim surge os estudos sobre os métodos que iniciam os alunos ao desporto. Os métodos que iniciam e formam jogadores buscam desde cedo os que apresentam boas condições físicas e técnicas, as consequências são diretas, fazem projeções de alto nível para um futuro imaginário, projeções essas feitas pelos pais, professores, técnicos. Dessa forma visam apenas o talento, ignorando o objetivo da prática de ensino do esporte.

Desse modo, Balbino (2001), afirma que os JECs serão tidos como um meio de formação integral do homem através da pratica do esporte, é também um meio que proporciona oportunidades a quem os pratica.

3.2 O Processo de Ensino dos Jogos Esportivos Coletivos

A pedagogia do esporte para Barbanti (2003) é uma relação entre esporte e educação na qual se oportunizam adequados processos com o intuito de

desenvolver habilidades e capacidades físicas, técnicas, táticas, cognitivas e emocionais, bem como o melhoramento da qualidade de vida do ser humano.

Com isso, pode-se considerar que o ensino nos JECs deve possibilitar ao indivíduo a apropriação crítica, reflexiva, inteligente e criativa de habilidades e capacidades próprias da modalidade por meio de atividades que visem à elaboração de claros conceitos técnicos e táticos susceptíveis de serem aplicados no contexto de uma situação do jogo, já que para Freire (2003), ensinar não é transmitir conhecimento, é criar as condições para sua produção, construção e adequada aplicação.

Gallahue e Ozmun (1995) pregam uma abordagem desenvolvimentista, ou seja, para crianças de 7 a 10 anos, o ensino deve ser aberto ao ensinar as habilidades motoras, ou seja, o professor aplica as atividades e os alunos realizam, sem haver intervenção ou o mínimo de correção do professor. Para a idade de 11 a 12 anos, o processo de ensino é um tanto aberto, ou seja, podendo haver pequenas correções nos movimentos. Na idade de 13 a 14 anos, o ensino é um tanto fechado, onde se inicia o processo de realizações dos gestos de cada modalidade na busca do aperfeiçoamento, e só depois dos 14 anos que o ensino deve ser fechado, específico de cada esporte.

Garganta (1998), nos estudos sobre pedagogia do desporto, indicam duas abordagens pedagógicas de ensinamento, a mecanicista e a centrada na técnica. Pedagogia centrada na técnica: o jogo é dividido em fundamentos técnicos, o passe, drible, recepção, arremesso. Os movimentos são aperfeiçoados, especializados, mostram o jogo um pouco criativo, com comportamentos sem autenticidades e dificuldades na compreensão do jogo, com leituras erradas do ponto de vista tático. As situações-problemas, provocadas pelas reais situações de jogo, são pobres e podem ocasionar desvios na evolução do aluno/atleta. Pedagogia mecanicista: as combinações táticas contidas no jogo por meio de jogos condicionados, voltados para o todo, nos quais as relações das partes são essenciais para o entendimento do jogo, propiciando o processo de aprendizagem da técnica.

Para Tavares (2010), aponta outros modelos de ensino para os JECs, o “modelo técnico” e os “modelos compreensivos”. O modelo técnico se relaciona com o âmbito das federações desportivas que têm como referência uma só modalidade esportiva e a prática se orienta para o rendimento. Enquanto “modelos compreensivos” se enquadram melhor com os interesses educativos, permitindo

uma iniciação comum polivalente sem interesses de rendimento esportivo. O autor afirma que a insatisfação com o modelo técnico, centrado no domínio da execução antes de passar à tática parece ter claras insuficiências na maioria da iniciação dos JECs, o que tem motivado a procura de abordagens alternativas.

Nesse sentido, ao contrário dos modelos comuns de ensino e aprendizagem nos jogos coletivos, caracterizados pelo ensino de gestos técnicos e pela obrigação de ordem no terreno do jogo, Garganta e Gréhaigne (1999), alegam que devido à frequente mudança praticada pelo adversário, portanto existe a necessidade de uma frequente adaptação aos acontecimentos consequentes do jogo. Esse autor diz que os jogadores “criam” seu conhecimento por meio da solução de um número de problemas pertinentes à configuração do jogo e à desempenho deles mesmos. Por isso, sua atuação está fortemente instruída pelo modo que ele assimila e percebe o jogo.

Recentemente outras propostas sobre a metodologia de ensino têm sido achadas na literatura, cuja ênfase está no conhecimento de habilidades por meio de solução de problemas (GRAÇA; OLIVEIRA, 1994; GRECO, 1998; THORPE, 1990). Essas questões referem-se aos métodos “tático” e “situacional”. Pode-se dizer que, em relação aos métodos mais comuns citados anteriormente, pode-se dizer que, os métodos táticos e situacional focam mais o iniciante, sua parte cognitiva e o nível de entendimento das relações envolvidas no jogo. São métodos de ensino que ressaltam os aspectos táticos dos esportes coletivos.

Uma implicação dessa visão é as habilidades motoras como, por exemplo, chutar, arremessar, lançar, etc., não são consideradas como partes isoladas, mas sim como parte de um todo da interação. Isso significa considerar o sentido de habilidade. Como por exemplo, ao chutar no futebol, sempre se chuta com um objetivo tático, daí a consideração de aprendizagem motora com os aspectos táticos (TAVARES, 2010).

O método “tático” tem como referência o modelo de Bunker e Thorpe (1982). Além de observações àqueles métodos mais comuns, os autores ressaltam a importância do ensino dos esportes coletivos na base curricular de Educação Física, importante para formação e conhecimento dos mesmos.

O método “situacional”, também denominado de situacional-cognitivo, é caracterizado pela prática de situações de jogo semi-estruturadas (jogadas básicas extraídas do jogo), que envolvem comportamentos individuais e coletivos (GRECO,

1998). O mesmo autor afirma, que essas situações ou estruturas funcionais possibilitam ao aprendiz o confronto com situações reais de jogo. Portanto, visualiza-se a possibilidade de concretizar situações de jogo através da prática de diferentes estruturas funcionais.

3.3 Os Jogos Esportivos Coletivos nas Aulas de Educação Física

A interpretação e os discursos sobre o significado, funções e relevância do fenômeno esporte por si só gera um difícil consenso teórico, as dificuldades multiplicam-se quando se pretende acordar opiniões concernentes às relações entre o esporte como conteúdo da Educação Física. Ao tratar do esporte na escola (Torres e Gaya, 2002), propõe que o esporte não deva ser totalmente modificado para ser tratado no espaço escolar.

No âmbito da didática do esporte para crianças e jovens, se fazem necessárias simplificações técnicas e táticas, de regulamentação e de espaço, de números de participantes, porém continuam presentes as categorias de rendimento (rendimento próprio), regulamentação (de reduzida complexidade) e a competição. Ou seja, as modificações implementadas não desconfiguram as características de identidade de cada modalidade esportiva e através de sua prática, são desenvolvidos os aspectos formativos (cooperação, respeito ao adversário, superação de seus limites).

Sobre as implicações da esportivização, a Educação Física assume identificação com o esporte de rendimento, para tanto, Bracht (1992, p. 22) comenta que “não o esporte da escola, e sim o esporte na escola, o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva”. Assim, o processo de esportivização no ambiente escolar faz-se compreender a Educação Física com utilização do esporte na escola, ou seja, “é um braço prolongado da própria instituição esportiva”.

O esporte escolar não se confunde com a formação de equipes escolares, ela tem como objetivo multiplicar as aprendizagens das modalidades esportivas, não possuindo qualquer caráter de exclusão por critério de performance. Seu objetivo é possibilitar o acesso das crianças às práticas esportivas formais. Para Torres e Gaya (2002), mesmo reconhecendo que o esporte é plural em sentidos e formas, não

haverá esporte sem a preocupação com o rendimento corporal, sem regulamentos e competições.

Para Kröger e Roth (2002), em seu livro intitulado "A escola da bola", os JECs realizados nas escolas deveriam ser baseados em três pontos de apoio: "jogos situacionais" (construção de jogos de um modo que possa permitir à criança desenvolver elementos táticos, adquirindo uma capacidade geral de jogo e competência tática); "orientados para as habilidades" (ao exercitar diversos elementos comuns a todos os esportes coletivos, acredita-se que a criança irá adquirir uma base para o aprendizado de elementos técnicos específicos de determinados esportes, que poderão ser priorizados em um momento posterior. Entre estes elementos estão o controle dos ângulos, a regulação de aplicação da força, determinação do momento do passe, determinação das linhas de corrida e tempo da bola, oferecer-se, antecipação da direção do passe, antecipação defensiva e a observação dos deslocamentos.

E "orientados para as capacidades coordenativas" o professor deve apresentar aos alunos diferentes estímulos informacionais (variabilidade) de natureza eferente (coordenação motora grossa e coordenação motora fina) e de natureza aferente (óptico, tátil, vestibular, acústico e cinestésico). Além da variabilidade de estímulos, o professor deverá levar em consideração que as atividades deverão ser executadas dentro de certas condições de pressão. São elas: pressão temporal, pressão de precisão, pressão de complexidade, pressão de organização, pressão de variabilidade, pressão de carga, porém precisamos ter o cuidado de não colocarmos todas estas condições de pressão, acima citadas, em uma mesma atividade para um aluno que está na iniciação esportiva (KROGER e ROTH, 2002).

Por apresentarem uma grande variedade de situações, requisitando do participante um adequado nível de inteligência, adaptação e criatividade que se compõe dos parâmetros adequação, originalidade e flexibilidade, possibilitam ordenar as ações no tempo, no espaço e de acordo com a situação. São esses elementos que fazem dos JECs atividades interessantes e desafiantes tanto para crianças como para adolescentes. Nesse contexto, no conteúdo pragmático nas aulas de educação física, o professor deve planejar as atividades considerando os comportamentos, atitudes e habilidades que as crianças devem aprender e vivenciar,

bem como os principais objetivos e metas a atingir para contribuir para a formação do jogador taticamente inteligente (GRECO, 2001).

Para melhor entender os esportes e sua ligação com a educação física Torres e Gaya (2002), partem de um conjunto de hipóteses teóricas assim expressas: O esporte deve ser compreendido a partir de um sentido plural. Em outras palavras, o esporte é um fenômeno com várias formas e uma expressão com distintos significados, como por exemplo, esporte de excelência, de lazer, escolar, de reeducação e reabilitação. O sentido plural decorre das motivações e sentidos que são atribuídos pelos seus praticantes, mas mesmo com o sentido plural ainda possui uma estrutura peculiar. Mantém um conjunto de categorias essenciais que permanecem presentes em todas essas manifestações.

Corroborando nesse sentido Torres e Gaya (2002), apontam que as práticas esportivas na escola, deveriam oportunizar a todos, independentemente das motivações que os movem e de seu grau de desempenho, um espaço de autoaprendizagem e auto realização.

4 CONCLUSÃO

Com a análise realizada verificou-se que com a utilização demasiada do jogo formal, professores minimizam a oportunidade de os alunos obterem uma aprendizagem gradual dos movimentos.

Inicialmente, poderia acreditar-se que as atividades propostas para o processo de ensino-aprendizagem atendiam às afirmações de que os processos de aprendizado dos JEC's deveriam oportunizar atividades pertinentes às situações reais de jogo.

E importante o aumento gradual e progressivo dos níveis de exigência no desempenho dos alunos. as tarefas deveriam ser estruturadas em função do comportamento motor (aquisição técnica dos fundamentos), e também que se oferecesse um número elevado de oportunidades de repetições (fixação/diversificação da técnica), permitindo que os alunos refinassem os padrões de movimentos.

O uso exclusivo do jogo formal nas aulas interfere diretamente na conduta dos alunos, enquanto alguns participam do jogo formal, conduta congruente, os demais assumem a conduta de espera. Para a execução do jogo formal tem-se um número

de jogadores específico e regras institucionalizadas, o que acaba por privilegiar um grupo reduzido de alunos enquanto os demais aguardam fora da quadra. No jogo formal tem-se um número reduzidos de participantes, regras institucionalizadas, entre outros, desse modo todos os alunos não poderiam participar ativamente das atividades, deixando de praticá-las e assim não melhorando as habilidades.

5 REFERÊNCIAS

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas**: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. Campinas, SP: 2001. Dissertação (Mestrado)- UNICAMP.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e do Esporte**. São Paulo: Manole, 2003.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. 1 a 4 séries. Introdução. Brasília: MEC/SEF, v. 5, 2001 b.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.

BUNKER, D; THORPE, R. **Da teoria à prática**. Em: THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. (Eds.), *Rethinking Games Teaching*. Loughborough: University of Technology, 1986. p. 11-16.

BUNKER, D; THORPE, R. **Um modelo para o ensino de jogos na escola secundária**. Boletim de Educação Física, Driffield, v. 10, p.16, 1982.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como Prática Corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. **Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade?** Movimentos, Porto Alegre, v. 9, no 1, p.81-89, 1999.

GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Eds.). *Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos*. 1. ed. Porto: CED. 1996. p.7-24.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.) *O ensino dos jogos desportivos*. 3 ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998, p.11.

GAYA, A. C. et al. **Iniciação esportiva e educação física escolar**. In: SILVA, F. M. (Ed.) *Treinamento desportivo: aplicações e implicações*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. **Ensino do desporto.** In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S (Eds.). Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.

GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos.** Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, FCDEF-UP, 1994, p.97.

GRECO, P.J.; FERREIRA, F. E.; SOUZA, P. R. C. **Avaliação do comportamento tático no handebol.** In: GRECO, P. J. (Org.). Caderno de Rendimento do Atleta de Handebol. Belo Horizonte: Health, 2000. p.121-134.

GRECO, P. J.; BENDA, N. R. **Iniciação esportiva universal:** da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Volume I. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

GALLAHUE D. L.; OZMUN. J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor:** Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos. 3ª Ed. São Paulo, SP: Phorte, 2005.

KROGER, C., ROTH, K. **Escola da bola:** um abc para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

MUSCH. E. A. MERTENS, B. **O ensino de esportes coletivos:** um conceito elaborado no ISEP da Universidade de Ghent, Phytic Education, 31, p.7, 1991.

REIS, H. B. **O ensino dos jogos coletivos esportivos na escola.** Dissertação de Mestrado, Centro de Educação Física e desportos, UFSM, Santa Maria, 1994.

SANTANA, W.C. **Futsal: metodologia da participação.** 2ª ed. Londrina: Lido, 2001.

TAVARES, F (2010). **Aprender as habilidades nos jogos desportivos na perspectiva do ensino compreensivo.** In: Bento, J.O.; Tani, G.; Prista, A. (Orgs). Desporto e educação física em português. Universidade do Porto 2010.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos.** Lisboa: Livros Horizonte (1984).

THORPE, R. D. **Novos rumos no ensino de jogos.** In: ARMSTRONG, N. (Ed.) Novas direções em educação física. Vol.1 Champaign, IL: Human Kineticis, 1990.

TORRES, L.; GAYA, A. **O esporte na infância e adolescência:** alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) Desporto para crianças e jovens. Ed. UFRGS 2002.